

ESTRATÉGIAS PARA MANEJO DE PASTAGENS

O manejo rotacionado é uma opção que melhora o aproveitamento da forragem para algumas gramíneas, contudo, quando baseado em número de dias apresenta limitações. Durante o ano, tem-se variações climáticas naturais de temperatura, água e luminosidade, principalmente. No Centro-Oeste, as estações de águas e seca são bastante definidas. Considerando apenas a estação das águas, quando as pastagens estão em pleno crescimento, observa-se que de setembro/outubro até janeiro/fevereiro, a temperatura e quantidade de chuva vai aumentando gradativamente e, a partir desta data, diminuem até a chegada de maio quando as chuvas se tornam escassas e a temperatura noturna fica a mais baixa da estação.

Como há variação dos fatores de crescimento, há variação no crescimento da pastagem e, conseqüentemente, na quantidade de forragem acumulada no pasto, num determinado espaço de tempo. Assim, se considerar, por exemplo, um período de descanso de 30 dias, em novembro a produção será diferente da obtida em janeiro ou em março. Dessa forma, colhe-se a forragem em pontos fisiológicos e fenológicos diferentes quando o período de descanso é fixo. Esse fato acarreta no aumento da produção de colmos ("talos") e folhas mortas, principalmente da metade da estação em diante. Este cenário faz com que muitos produtores lancem mão de roçadas para retomada deste "controle" ou uniformidade. Estas roçadas apresentam um custo bastante elevado por depender de máquinas, combustível e mão-de-obra, mas, principalmente, devido ao alto preço que a planta é obrigada a pagar. O estresse causado à pastagem pelas roçadas sucessivas faz com que haja necessidade de reestruturação da planta, significando um gasto energético, diminuindo a produção de folhas. Além disso, a palhada que é depositada sobre o solo prejudica tanto a rebrotação posterior quanto aumenta a retirada de nitrogênio do solo para sua decomposição, sem contar a oportunidade de invasão por plantas indesejáveis, levando, muitas vezes, a uma fase inicial de degradação.

Diante dessa situação, um manejo que previna esses eventos e ainda apresente maior produção de folhas verdes (parte da planta que mais interessa ao animal) é desejável.

Dentro dessa proposta, foram realizados vários estudos de crescimento e ecofisiologia de pastagem para chegar a um manejo relativamente simples de ser aplicado na fazenda com resultados mais satisfatórios.

Para entender como esse manejo funciona há necessidade de ver ou rever alguns conceitos simples de crescimento do pasto.

Após um pastejo, a planta inicia seu processo de rebrotação. Vale lembrar que quanto

maior a quantidade de folhas verdes no resíduo do pasto (quando o animal sai), mais rápido esse pasto estará pronto para ser utilizado novamente. O ponto que será discutido é baseado principalmente no momento de entrada dos animais. As plantas iniciam seu processo de rebrotação acumulando mais forragem a cada dia que passa. Quanto maior for a disponibilidade dos fatores de crescimento, maior será a quantidade de massa acumulada por dia. Contudo, num determinado ponto durante o crescimento, as plantas começam a competir entre si por luz, principalmente. É nesse momento que falta luz para as folhas mais próximas do solo (base da planta) e estas começam a morrer. Como uma forma de defesa, as plantas alongam os colmos rapidamente para melhorar o ambiente luminoso e, assim, diminuir a competição por luz entre as plantas. Dessa forma, o pastejo deve ser realizado no ponto anterior às desordens descritas, quando a competição se inicia.

Esse ponto varia de planta para planta. Os estudos mostram que esse ponto correspondeu a 90 cm de altura média de folhas para o capim-mombaça; 70 cm para o capim-tanzânia, 30 cm para capim-marandu e 100 cm para o capim-elefante cameroon. Contudo, algumas considerações devem ser feitas em relação a essa altura e a esse manejo. Primeiro, o manejo deve ser colocado em prática desde o início da estação chuvosa. Toda vez que as plantas do piquete atingirem a altura média indicada, devem ser colocados animais para a realização do pastejo. Na metade da estação, quando o crescimento do pasto é acelerado, o pastejo deve ser feito mais rapidamente, mas sempre respeitando a altura de entrada. Se necessário, o resíduo deixado nessa época poderá ser maior, pois será menos prejudicial à estrutura do pasto e, conseqüentemente, aos animais, do que se o ponto de entrada for perdido. O resíduo mais folhoso poderá ser aproveitado nos próximos pastejos, enquanto que se houver formação de colmos, esse aproveitamento não será possível. Nesse tipo de manejo, é desejável a realização de uma programação semanal, onde o manejador de pasto caminhará nos piquetes como uma régua simples de madeira graduada e anotará a altura de alguns pontos dentro de cada piquete. Com as médias das alturas, a cada semana será determinada a seqüência de piquetes que deverá ser seguida naquele período (por exemplo: 8, 4, 1, 10, ...), lembrando que não seguirá mais uma ordem ou seqüência de piquetes pré-estabelecida (1, 2, 3, 4, ...).

Algumas estratégias podem ser utilizadas para facilitar o manejo como aplicação de nitrogênio de forma estratégica nas épocas de maior necessidade de forragem; utilização de animais de menor exigência nutricional para realização de repasses de pastejo e; diversificação de pastagens com diferentes hábitos de crescimento.



Roberta Aparecida Carnevalli

Pesquisadora – Embrapa Gado de Leite é engenheira agrônoma com mestrado em Ciência Animal e Pastagens e doutorado em Manejo de Pastagens com Formação pela Esalq/USP

Gir online

Año 7 - Nº 28 - Setembro - 2007 - Goiânia (GO) - R\$ 6,00

ENTREVISTA
Marcelo Martins
Assessor da CNA

Pesquisa Embrapa/UFG

Gir pronto em 22 meses

